

# Construções com constituintes verbais coordenados em PE<sup>1</sup>

*Madalena Colaço*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

## Abstract

European Portuguese presents a construction, akin to the English *come/go-and-verb* construction, apparently involving coordination of verbal constituents. Despite its similarity with other constructions exhibiting verb concatenation – e.g. standard coordination, sequences of auxiliaries, and serial verbs –, this construction differs from them in several respects. In this article, we will present and discuss some empirical data that show its specificities.

**Keywords:** coordination, lack of semantic content, single event, discourse value.

**Palavras-chave:** coordenação, esvaziamento semântico, evento único, valor discursivo.

## 1. Introdução

Existem, em português europeu (PE), construções que, embora envolvendo a presença explícita de uma partícula com a forma de uma conjunção coordenativa – a conjunção copulativa *e* –, exibem, no entanto, algumas propriedades específicas que as afastam das estruturas de coordenação comum. Trata-se de construções que estão associadas essencialmente ao registo oral, embora surjam, por vezes, igualmente em certos tipos de textos escritos. Vejam-se os exemplos (1)-(4):

- (1) a. Vai a Maria e diz assim...
- b. O Pedro vai e conta tudo à Maria.
- (2) A Maria vira-se e diz-lhe assim...

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado no âmbito do *projecto Predicados Complexos: tipologia e anotação de corpus* (PREPLEXOS), desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/LIN/68241/2006).

Agradeço aos revisores de uma versão prévia deste trabalho pelos seus comentários e pelas questões colocadas, que permitiram uma maior clarificação de alguns aspectos referidos.

(3) O Pedro pegou e despediu-se.

(4) O Pedro agarrou e foi-se embora.

Estas construções do PE aproximam-se de construções do inglês do tipo *come-(and)-verb* e *go-(and)-verb* – ilustradas em (5)-(6) –, que foram estudadas por diversos autores (como Pullum (1990), Stefanowitsch (1999) e Hopper (2002)):

(5) a. Come see us next week.

b. Come and see us next week.

(6) a. Go get the book.

b. Go and get the book.

Aproximam-se igualmente de construções de português brasileiro como as estudadas por Rodrigues (2006), em que ocorrem sequências como *ir-(e)-verbo*, *chegar-(e)-verbo* ou *pegar-(e)-verbo*, ilustradas em (7):

(7) a. Eu fui e fiz o trabalho.

b. Mas aí ele chegou foi esperto: ...

c. Aí, meu pai pegou botou esse nome em mim: Jupira, Jupira!

Também em certas variedades do espanhol, são possíveis construções semelhantes. Vejam-se os seguintes exemplos, apresentados por Arnaiz & Camacho (1999):

(8) Y entonces, el niño va y se cae.

(9) Margarita agarró y salió.

Constituindo um primeiro passo no estudo destas construções em PE, o objectivo central deste trabalho é o de descrever as suas propriedades sintácticas e semânticas. Ao fazê-lo, passaremos por uma comparação entre as construções em estudo e outras construções às quais elas têm sido aproximadas em trabalhos realizados para outras línguas, nomeadamente aquelas que envolvem uma associação de constituintes verbais, concretamente: (i) construções com coordenação copulativa comum de constituintes verbais; (ii) construções com verbos seriais; (iii) construções com verbos auxiliares. Esta descrição permitir-nos-á iniciar a discussão acerca da sua estrutura sintáctica, cujo desenvolvimento deixamos para trabalho futuro.

## 2. Análises propostas para outras línguas

As construções que envolvem a ocorrência destas expressões com constituintes verbais aparentemente coordenados têm merecido alguma atenção na literatura. A discussão centra-se, fundamentalmente, no estatuto do primeiro verbo (V1), uma vez que estas construções parecem exibir, em diversas línguas, propriedades comuns, por um lado, a construções com verbos auxiliares e, por outro lado, a construções com verbos seriais. Ao mesmo tempo, a presença de uma partícula com a forma de uma conjunção coordenativa conduz a uma natural aproximação destas construções àquelas que envolvem estruturas de coordenação. Assim, as propostas que têm sido sugeridas podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

- (i) ou se considera que as expressões que ocorrem nas construções em estudo têm uma estrutura que constitui um subtipo específico de coordenação;
- (ii) ou se propõe o tratamento do V1 como um verbo auxiliar;
- (iii) ou então, considera-se que se trata de construções com serialização verbal.

### 2.1. Um subtipo específico de coordenação

Na opinião de alguns autores que estudaram construções semelhantes àquelas que nos ocupam noutras línguas, as expressões em questão têm uma estrutura de verdadeira coordenação. Esta é, por exemplo, a posição de Lakoff (1986). No entanto, o facto de se tratar de construções que manifestam algumas propriedades que as distinguem dos casos de coordenação comum levou alguns autores a considerar que, na realidade, tais construções constituem um subtipo específico de coordenação.

De Vos (2005), por exemplo, engloba as construções em estudo num subtipo de coordenação mais vasto que designa, baseando-se em literatura anterior (nomeadamente, em Quirk *et al.* (1985)), por **pseudo-coordenação** (*pseudo-coordination*). Nesta proposta, a construção presente em (10) constitui um exemplo daquilo a que o autor chama **coordenação contígua** (*contiguous coordination*), um subtipo de pseudo-coordenação que, em inglês, ocorre tipicamente com os verbos *come* ou *go*:

(10) John went and read a book on the bus.

As especificidades desta forma de pseudo-coordenação tornam-se evidentes quando se verifica, por exemplo, que, como está ilustrado em (11), estas construções permitem a extracção a partir do segundo termo coordenado, contrariamente ao que acontece no caso da coordenação comum, tendo em conta a Condição da Estrutura Coordenada (cf. (12); note-se que esta particularidade já havia sido referida por Ross (1967)):

(11) a. What did John go and read on the bus?

b. Who went and read a book on the bus?

(12) \*Which book did John buy a magazine and Mary read?

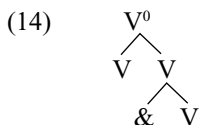
Também contrariamente ao que acontece nas estruturas de coordenação de constituintes verbais comum, nas construções com pseudo-coordenação apenas pode ocorrer um sujeito, sendo as suas propriedades determinadas pelo segundo verbo (V2). Vejam-se os dados do inglês apresentados em (13) (cf. de Vos (2005)):

(13) a. It rained.

b. \*It went.

c. It went and rained.

Aspectos como estes levaram de Vos (2005) a considerar que estas construções constituem um subtipo de coordenação que se distingue da coordenação comum de constituintes verbais, uma vez que incluem um predicado complexo constituído por dois núcleos verbais. Este predicado complexo é formado por *merge* na sintaxe:



Da assunção da existência deste predicado complexo decorrem, então, as propriedades destas construções descritas pelo autor, nomeadamente a ocorrência de apenas um sujeito e a possibilidade de extracção de complementos do V2, localizados, na estrutura proposta, numa posição externa à projecção que contém a conjunção coordenativa.

## 2.2. O V1 como um verbo auxiliar

Autores como Stefanowitsch (1999) propõem que o V1 que ocorre nas construções em estudo seja considerado um **verbo auxiliar**, explicando desta forma algumas das propriedades que de modo mais evidente as distinguem da coordenação. Este autor centra-se sobretudo em aspectos semânticos relacionados com as construções em que ocorre a expressão *go-(and)-verb*, considerando que, à semelhança do que acontece em línguas que possuem serialização verbal, a presença do verbo *go* permite reforçar a ideia de movimento, ou imprimir esta ideia no caso de o V2 não ser um verbo inerentemente de movimento (assim, por exemplo, *go and see* adquire o significado de *visit*).

Arnaiz & Camacho (1999), estudando construções do espanhol em que o V1 é o verbo *ir* ou o verbo *agarrar* (cf. exemplos (8) e (9)), atribuem igualmente a este verbo um estatuto de auxiliar, considerando que a sua presença transmite um valor aspectual à construção. Desta diferença aspectual decorre a distinção, em termos de interpretação, entre (15.a) e (15.b):

- (15) a. Y entonces, el niño se cae.  
 ‘E então o menino caiu.’  
 b. Y entonces, el niño va y se cae.  
 ‘E então o menino inesperadamente caiu.’

## 2.3. Construção com serialização verbal

Pullum (1990) designa as construções em que ocorre a sequência *go get* por **construções verbais intransitivas quase seriais** (*intransitive ‘quasi-serial’ verb construction*), fazendo, assim, uma aproximação entre estas e as construções com verbos seriais. De acordo com este autor, frases como as que apresentámos em (6 a. e b.) ilustram construções diferentes, uma vez que a ocorrência da conjunção coordenativa – *go & get* – reflecte a presença de uma estrutura de coordenação comum. Para fundamentar esta ideia, Pullum apoia-se numa série de diferenças que, em inglês, separam a construção sem conjunção da construção com conjunção. A título de exemplo, veja-se: (i) o contraste em

(16), atribuído à impossibilidade da presença explícita de marcas flexionais nos verbos apenas na construção com *go get*; (ii) o contraste em (17), que mostra a impossibilidade de ocorrência do advérbio de negação antes de V2 apenas nas construções com *go get* (cf. Pullum (1990), *apud* Rodrigues (2006)):

(16) a. Every day my son goes and gets the paper.

b. \*Every day my son goes gets the paper.

(17) a. I expect you to go and not do anything wrong for a week.

b. \*I expect you to go not do anything wrong for a week.

Assim, para este autor, as expressões *go & get* e *go get* apresentam um comportamento sintático distinto, ocorrendo a primeira expressão numa estrutura de coordenação e a segunda numa estrutura semelhante à que caracteriza as construções com serialização verbal.

### 3. Caracterização geral das construções em PE

Após a apresentação sumária de algumas propostas que têm sido apresentadas na literatura para explicar construções semelhantes disponíveis noutras línguas, procederemos, neste ponto, à descrição dos dados do PE.

#### (a) Valor discursivo

Uma das características mais evidentes das construções que estudamos é o seu valor discursivo. Com efeito, a sua ocorrência está sistematicamente ligada a situações de relato ou narração de eventos, marcando, em geral, um avanço na narrativa:

(18) Vai a Maria e dá uma bofetada ao Pedro.

(19) Vai a Maria e cai pela escada abaixo.

#### (b) Fixidez

As construções em estudo incluem expressões com um certo grau de fixidez. Esta fixidez resulta, antes de mais, do reduzido número de verbos que podem instanciar o V1 (questão que referiremos adiante). Verifica-se, no entanto, também, embora de forma variável, relativamente a outros aspectos.

No que diz respeito à **ordem de palavras**, as construções com *ir* ou *virar-se*<sup>2</sup> apresentam uma maior flexibilidade do que as construções com *pegar* e *agarrar*, uma vez que as primeiras permitem a ocorrência do sujeito em posição pré ou pós-verbal, enquanto as segundas apenas permitem sujeito pré-verbal:

<sup>2</sup> As construções com o verbo *virar-se*, independentemente de o sujeito ser pré ou pós-verbal, levantam, mais frequentemente do que qualquer uma das restantes, a dúvida entre a interpretação de verbo de movimento e a interpretação mais vaga que caracteriza as construções que estudamos. Esta dúvida torna os juízos dos falantes, neste caso, muito pouco estáveis.

- (20) a. A Maria vai e diz-lhe assim...  
 b. Vai a Maria e diz-lhe assim...  
 (21) a. A Maria vira-se e diz-lhe assim...  
 b. Vira-se a Maria e diz-lhe assim...  
 (22) a. O Pedro pegou e despediu-se.  
 b. \*Pegou o Pedro e despediu-se.  
 (23) a. O Pedro agarrou e foi-se embora.  
 b. \*Agarrou o Pedro e foi-se embora.

Também relativamente às **marcas temporais** associadas às formas verbais estas construções apresentam restrições. Em relação a este aspecto, há que estabelecer a seguinte distinção:

(a) Nas construções em que ocorre o verbo *ir* e *virar-se* com sujeito pós-verbal, os verbos ocorrem necessariamente no Presente do Indicativo:

- (24) a. Vai a Maria e diz-lhe assim...  
 b. \*Foi a Maria e disse-lhe assim...  
 c. \*Se ele me criticasse, ia eu e respondia-lhe à letra.  
 (25) a. Vira-se a Maria e diz-lhe assim...  
 b. \*Virou-se a Maria e disse-lhe assim...  
 c. \*Se ele me criticasse, virava-me eu e respondia-lhe à letra.

(b) Nos restantes casos, os verbos podem ocorrer no Presente ou no Pretérito Perfeito do Indicativo (eventualmente, embora em casos mais restritos, no Pretérito Imperfeito do Indicativo<sup>3</sup>):

- (26) a. A Maria vai e diz-lhe assim...  
 b. A Maria foi e disse-lhe assim...  
 c. ?Se ele me criticasse, eu ia e respondia-lhe à letra.  
 (27) a. A Maria vira-se e diz-lhe assim...  
 b. A Maria virou-se e disse-lhe assim...  
 c. ?Se ele me criticasse, eu virava-me e respondia-lhe à letra.  
 (28) a. O Pedro pega e despede-se.  
 b. O Pedro pegou e despediu-se.  
 c. ?Se ele me criticasse, eu pegava e despedia-me.  
 (29) a. O Pedro agarra e vai-se embora.  
 b. O Pedro agarrou e foi-se embora.  
 c. ?Se ele me criticasse, eu agarrava e ia-me embora.

<sup>3</sup> A ocorrência dos verbos no Imperfeito do Indicativo torna-se mais aceitável em construções como a seguinte, em que se descreve uma repetição de eventos: Sempre que ela se zangava, ele ia e dizia-lhe assim...

**(c) V1 com variação lexical muito reduzida**

Um dos aspectos que conferem às construções em estudo características semelhantes à de expressões fixas é o facto de, embora o V2 apresente alguma possibilidade de variação lexical, o V1 se limitar a um reduzido número de verbos. Esta é uma característica que encontramos, em maior ou menor grau, nas variadas línguas em que construções deste tipo estão disponíveis.

Em todos os casos, o V1 é um verbo de movimento (ou, pelo menos, é homónimo de um verbo de movimento): *ir*, *virar-se*, *pegar*, *agarrar*.

**(d) V2 com variação lexical menos reduzida**

Contrastando com a reduzida variação de V1, o V2 apresenta, à partida, um maior leque de possibilidades em termos lexicais:

- (30) a. Eu agarrei e despedi-me.
- b. Eu agarrei e fui-me embora.
- c. Eu agarrei e telefonei ao Pedro.
- d. Eu agarrei e mandei-lhe um telegrama.

Esta variação não é, no entanto, tão grande em PE como noutras línguas ou, inclusivamente, como na variedade brasileira do português, em que estas construções parecem ser bastante mais flexíveis. Vejam-se, a título de exemplo, alguns dados apresentados por Rodrigues (2006):

- (31) Ficou dezessete dia internada, aí pegou morreu.
- (32) Porque, senão, a pessoa chega começa a ficar barriguda.
- (33) Mas a Sílvia foi virou bancária.

A observação dos dados do PE obriga-nos, uma vez mais, a estabelecer uma distinção relativamente às construções em estudo. Com efeito, a construção com *ir* e sujeito pós-verbal apresenta-se como a menos restritiva no que diz respeito aos verbos que podem ocorrer como V2. Observem-se os seguintes dados:

- (34) Eles tinham combinado casar-se no Verão. Mas vai ela e morre num acidente de moto.
- (35) O chão estava cheio de lama. Vai ela e dá um trambolhão.
- (36) O exame final era no sábado. Vai ele e fica doente.

Dados como estes mostram que, nesta construção, o sujeito não tem de ser uma entidade revestida de intencionalidade, como fica comprovado através de frases como as seguintes:

- (37) A janela era novinha. Vai o vento e parte os vidros.

Note-se que esta construção admite, inclusivamente, a instanciação de V2 com um verbo meteorológico, como acontece em (38):

- (38) O tempo parecia estar a melhorar, mas vai e chove toda a noite.

Tanto as construções com *ir* e sujeito pré-verbal como aquelas em que ocorrem os verbos *virar-se*, *pegar* ou *agarrar* impõem restrições mais fortes relativamente ao V2, como se pode ver pelo contraste entre os exemplos anteriores e os seguintes:

- (39) Eles tinham combinado casar-se no Verão.  
 ??Mas ela vai e morre num acidente de mota.  
 \*Mas ela vira-se e morre num acidente de mota.  
 \*Mas ela pega e morre num acidente de mota.  
 \*Mas ela agarra e morre num acidente de mota.
- (40) O chão estava cheio de lama.  
 ??Ela vai e dá um trambolhão.  
 \*Ela vira-se e dá um trambolhão.  
 \*Ela pega e dá um trambolhão.  
 \*Ela agarra e dá um trambolhão.
- (41) O exame final era no sábado.  
 ??Ele vai e fica doente.  
 \*Ele vira-se e fica doente.  
 \*Ele pega e fica doente.  
 \*Ele agarra e fica doente.
- (42) A janela era novinha.  
 ??O vento vai e parte os vidros.  
 \*O vento vira-se e parte os vidros.  
 \*O vento pega e parte os vidros.  
 \*O vento agarra e parte os vidros.
- (43) O tempo parecia estar a melhorar,  
 \*mas vira-se e chove a noite inteira.  
 \*mas pega e chove a noite inteira.  
 \*mas agarra e chove a noite inteira.

Existem, no entanto, restrições gerais quanto ao verbo que pode ocorrer como V2, decorrentes do valor discursivo associado a estas construções. O facto de, como foi referido atrás, a sua produção estar associada a um avanço na narração de um evento impede que o V2 seja um verbo estativo:

- (44) a. \*Vai o Pedro e tem um carro de desporto.  
 b. \*O Pedro vai e tem um carro de desporto.  
 c. \*O Pedro vira-se e tem um carro de desporto.  
 d. \*O Pedro pega e tem um carro de desporto.  
 e. O Pedro agarra e tem um carro de desporto.
- (45) a. \*Vai ela e está doente.  
 b. \*Ela vai e está doente.  
 c. \*Ela vira-se e está doente.  
 d. \*Ela pega e está doente.  
 e. \*Ela agarra e está doente.

Uma observação conjunta destes dados permite-nos constatar que a participação do V1 na selecção semântica do sujeito é menor na construção em que o V1 é o verbo *ir* com sujeito pós-verbal.



**(e) Concordância temporal entre V1 e V2**

Uma característica evidente, nas maioria dos casos, nas construções em estudo é a existência de concordância temporal das formas verbais que nelas ocorrem. Com efeito, em geral, o V1 e o V2 têm de ser idênticos no que diz respeito a marcas temporais. Senão, veja-se:

- (46) a. ??O Pedro vai e contou tudo à Maria.  
 b. \*O Pedro foi e conta tudo à Maria.
- (47) a. \*A Maria vira-se e disse-lhe assim...  
 b. \*A Maria virou-se e diz-lhe assim...
- (48) a. \*O Pedro pega e despediu-se.  
 b. \*O Pedro pegou e despede-se.
- (49) a. \*O Pedro agarra e foi-se embora.  
 b. \*O Pedro agarrou e vai-se embora.

Tal como em casos anteriores, também em relação a este aspecto a construção com o verbo *ir* e o sujeito pós-verbal se destaca das restantes, mostrando o valor mais fixo da expressão *ir-sujeito*:

- (50) Vai o Pedro e contou tudo à Maria.<sup>4</sup>

Note-se que este requisito de concordância temporal não está associado à eventual presença de uma estrutura coordenada, uma vez que, como é sabido, em estruturas de coordenação comum os verbos podem ocorrer com marcas temporais distintas:

- (51) O Pedro trabalha no CLUL e teve uma bolsa da FCT.  
 (52) O Pedro divorciou-se e vai para Inglaterra.

**(e) Esvaziamento semântico do V1**

As expressões que ocorrem nas construções em estudo recebem uma interpretação particular, uma vez que o primeiro verbo que nelas ocorre não tem o significado lexical que normalmente lhe está associado.

Se tomarmos como exemplo a construção ilustrada em (53), constatamos que, para além de o verbo *ir* não ter o significado lexical que está associado ao verbo de movimento seu homónimo, não manifesta também as mesmas propriedades sintácticas, uma vez que ocorre sem o complemento seleccionado pelo referido verbo de movimento:

- (53) Vai a Maria e diz assim...

A realização de um complemento do verbo *ir* implica necessariamente uma interpretação de movimento, como se vê em (54):

- (54) Vai a Maria ao palco e diz assim...

---

<sup>4</sup> Neste caso, não podemos testar a conjugação dos tempos verbais Pretérito Perfeito-Presente, uma vez que, como dissemos atrás, a expressão *ir* + sujeito pós-verbal obriga à ocorrência do verbo no Presente do Indicativo.

Se, como já foi referido atrás, a construção com *virar-se* levanta sempre algumas dúvidas relativamente à interpretação do verbo, também neste caso a realização de um complemento induz necessariamente uma interpretação de movimento:

(55) a. A Maria vira-se para o Pedro e diz assim...

b. Vira-se a Maria para o Pedro e diz assim...

No que diz respeito aos restantes verbos que entram nas construções em estudo – concretamente, os verbos *pegar* e *agarrar* –, os dados seguintes mostram a possibilidade de ocorrência de uma expressão em posição pós-verbal. No entanto, a interpretação do verbo apenas se mantém quando essa expressão tem um valor anafórico (“peguei *em mim*” ou “agarrei *em mim*”), como se verifica pelo contraste entre (56)-(57) e (58)-(59) (sendo que, nestas duas últimas frases, os verbos *pegar* e *agarrar* são forçosamente interpretados como verbos de movimento):

(56) Agarrei em mim e fui-me embora.

(57) Peguei em mim e fui-me embora.

(58) O Pedro agarrou em mim / no casaco e foi-se embora.

(59) O Pedro pegou em mim / no casaco e foi-se embora.

#### (f) Descrição de um único evento

Os verbos que ocorrem nas construções em estudo denotam um evento único, contrariamente ao que sucede em construções em que ocorre coordenação de constituintes verbais comum. Reveja-se a diferença entre (60) e (61):

(60) O Pedro pegou (nele) e foi-se embora.

(61) O Pedro pegou no casaco e foi-se embora.

Este facto é corroborado por duas outras propriedades caracterizadoras destas construções:

- a impossibilidade de modificadores temporais afectarem apenas parte da sequência *verbo-e-verbo*;
- a impossibilidade de um advérbio de negação frásica afectar apenas parte da sequência *verbo-e-verbo*.

Na verdade, as construções em estudo manifestam um comportamento particular no que diz respeito à ocorrência de modificadores temporais. Por exemplo, a ocorrência de localizadores do tempo da enunciação, como *ontem* ou *hoje*, provoca sempre alguma estranheza:

(62) ??Hoje vai a Maria e diz assim...

(63) ??Ontem o Pedro pegou / agarrou e despediu-se.

Os modificadores temporais que ocorrem tipicamente nestas construções são marcadores do tempo do evento, ou seja, são aqueles que normalmente se associam à narração:

(64) A certa altura, vai a Maria e diz assim...

(65) Nesse momento, o Pedro pegou / agarrou e despediu-se.

Para além destas restrições, verifica-se também que modificadores temporais como os que ocorrem em (64) e (65) afectam, obrigatoriamente, toda a frase. Este facto torna-se evidente quando observamos dados como os de (66)–(69), que mostram, por um lado, a impossibilidade de ocorrência de dois modificadores temporais a afectar partes distintas da sequência *verbo-e-verbo*, e, por outro lado, a igual impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais afectando apenas a sequência que se segue à conjunção:

(66) \*A certa altura vai a Maria e depois diz assim...

(67) \*Nesse momento o Pedro pegou / agarrou e mais tarde despediu-se.

(68) \*A Maria vai e depois diz assim...

(69) \*O Pedro pegou / agarrou e mais tarde despediu-se.

Tal como foi notado por alguns autores (por exemplo, Arnaiz & Camacho (2005) e Rodrigues (2006)), o comportamento da negação em construções como as que estudamos apresenta, em diversas línguas, um aspecto curioso: o advérbio de negação frásica apenas pode ocorrer sintacticamente associado ao V2 (precedendo-o), embora tenha escopo sobre toda a construção. Trata-se de uma propriedade que também se verifica em PE:

(70) a. \*Não vai a Maria e diz-lhe assim...

b. Vai a Maria e não o deixa responder.

(71) a. \*O Pedro não pegou / agarrou e despediu-se.

b. O Pedro pegou / agarrou e não deixou que o despedissem.

Note-se que esta propriedade é específica destas construções, não estando presente nem em construções que envolvem estruturas de coordenação comum (em que o advérbio de negação pode preceder qualquer um dos verbos), nem em construções com verbos auxiliares (em que o advérbio de negação, pelo contrário, precede obrigatoriamente o primeiro verbo), nem em construções com serialização verbal (em que pode ocorrer um advérbio de negação a preceder o primeiro verbo).

### **(g) Ocorrência de um único sujeito**

Do facto de as construções em estudo se caracterizarem pela descrição de um evento único decorre a presença de apenas um constituinte sujeito. Com efeito, a ocorrência de dois sujeitos obriga à interpretação do V1 como o verbo de movimento:

(72) a. Vai a Maria e diz assim...

b. \*Vai a Maria e eu digo assim...

(73) a. A Maria vira-se e diz assim...

b. A Maria vira-se e o Pedro diz assim...

(74) a. O Pedro pegou / agarrou e foi-se embora.

b. \*O Pedro pegou / agarrou e a Maria foi-se embora.

Note-se que esta propriedade não pode ser atribuída à presença de uma estrutura coordenada. Com efeito, se por um lado é certo que, em construções que envolvem a coordenação comum de orações com sujeitos correferentes, o sujeito da segunda oração não se realiza lexicalmente (cf. (75)), por outro lado nada obriga à correferência dos sujeitos (cf. (76)):

- (75) a. O Pedro foi para a Faculdade e trabalhou até muito tarde.  
 b. \*O Pedro foi para a Faculdade e ele trabalhou até muito tarde.  
 (76) O Pedro foi para a Faculdade e a Maria trabalhou até muito tarde.

### (h) Impossibilidade de movimento de complementos do V2

Como foi notado na literatura (desde Ross (1967)), as construções com *go-and-verb* do inglês permitem a extracção de um complemento de V2. Veja-se (77) (cf. de Vos (2005)):

- (77) a. What did John go and read on the bus?  
 b. Who went and read a book on the bus?

Este facto tem sido usado por alguns autores para fundamentar a ideia de que nestas construções não está presente uma estrutura de coordenação, já que não se manifestam os efeitos de ilha que levaram à formulação da Condição da Estrutura Coordenada. Os dados do PE mostram, no entanto, que nesta língua a extracção não é possível:

- (78) a. Vai a Maria e tira o livro ao Pedro.  
 b. \*O que é que vai a Maria e tira ao Pedro?  
 c. \*A quem é que vai a Maria e tira o livro?  
 (79) a. O Pedro pegou / agarrou e comprou o livro.  
 b. \*O que é que o Pedro pegou / agarrou e comprou?

O comportamento destas construções, em PE, relativamente à extracção aproximadas, pois, das construções de coordenação comum, afastando-as, ao mesmo tempo, de construções com verbos auxiliares ou com verbos seriais, em que este tipo de extracção é permitido.

Note-se que, também contrariamente àquilo que acontece em construções com verbos auxiliares, quando o complemento do V2 assume uma forma clítica, não é possível a sua subida para junto de V1. Os exemplos de (80) e (81) ilustram a diferença, relativamente a este aspecto, entre as construções com verbos auxiliares e aquelas que estudamos neste trabalho:

- (80) a. \*A Maria tinha dado-lhe um encontrão.  
 b. A Maria tinha-lhe dado um encontrão.  
 (81) a. Vai a Maria e dá-lhe um encontrão.  
 b. \*Vai-lhe a Maria e dá um encontrão.

### (i) Realização ou omissão da conjunção copulativa

Tem sido notada, para as diversas línguas, a já referida coexistência de dois tipos de construções de associação de constituintes verbais como as que nos ocupam, distinguindo-se pela ocorrência ou não de uma partícula com a forma da conjunção copulativa. Assim, por exemplo, em inglês, *go-and-verb* coexiste com *go-verb*. Também em PB, por exemplo, *foi-e-verbo* coexiste com *foi-verbo*.

A relevância desta diferença é discutível. Para alguns autores, como Pullum (1990) (como foi já referido atrás), a estrutura de uma expressão como *go-and-verb*, uma

estrutura de coordenação comum, é diferente da estrutura de uma expressão como *go-verb*, esta semelhante à daquelas que envolvem serialização verbal. Para outros autores, no entanto, não é estabelecida qualquer distinção, sendo as duas expressões tratadas da mesma forma. Rodrigues (2006), por exemplo, considera que os dois tipos de expressões tiveram origem numa estrutura coordenada que sofreu uma mudança, correspondendo cada um a um diferente estágio desse processo de mudança.

Observando os dados do PE, a omissão da conjunção copulativa não parece ter efeitos sobre a interpretação:

- (82) a. Vai a Maria e diz assim...  
b. Vai a Maria, diz assim...
- (83) a. A Maria vira-se e diz assim...  
b. A Maria vira-se, diz assim...
- (84) a. O Pedro pegou e despediu-se.  
b. O Pedro pegou, despediu-se.
- (85) a. O Pedro agarrou e foi-se embora.  
b. O Pedro agarrou, foi-se embora.

Por outro lado, não existem consequências evidentes, atribuíveis à presença ou ausência da partícula com a forma da conjunção, relativamente a fenómenos como, por exemplo, a extracção:

- (86) a. \*O que é que vai / vira-se a Maria, tira ao Pedro?  
b. \*A quem é que vai / vira-se a Maria, tira o livro?
- (87) \*O que é que o Pedro pegou / agarrou, comprou?

#### 4. Conclusões

Correspondendo a uma primeira fase do estudo das construções que, embora aparentemente envolvendo estruturas de coordenação de constituintes verbais, apresentam um conjunto de características particulares que as afastam da coordenação comum, este trabalho teve por objectivo central uma descrição dos dados do PE que permitisse, por um lado, dar conta das especificidades que as construções manifestam nesta língua e, por outro lado, servir de base a uma futura análise, a desenvolver em trabalhos seguintes.

Em trabalhos realizados sobre construções semelhantes noutras línguas, diversos autores propuseram uma aproximação destas construções a outras afins, concretamente àquelas que envolvem igualmente uma associação de constituintes verbais, nomeadamente: construções de coordenação comum, construções com verbos auxiliares e construções com serialização verbal. A descrição que fizemos dos dados do PE mostrou, no entanto, que várias diferenças separam qualquer dessas construções daquelas que nos ocupam neste trabalho.

A observação dos dados empíricos do PE permitiu-nos constatar que, nesta língua, há uma nítida diferença de comportamento entre as construções com o verbo *ir* em que o sujeito ocorre em posição pós-verbal e as restantes.

Um dos aspectos que conferem às construções em estudo um carácter específico é a fixidez que caracteriza as expressões que nelas ocorrem. Esta fixidez, juntamente com o esvaziamento semântico que caracteriza o primeiro verbo, permite-nos sugerir a presença de um processo de lexicalização, através do qual essas expressões adquirem uma função discursiva específica, fortemente associada à narração de eventos. A diferença de comportamento que constatámos existir entre as construções em estudo sugere, por outro lado, a existência de diferentes estádios nesse processo de lexicalização. Assim:

- A construção em que ocorre o verbo *ir* com o sujeito pós-verbal é aquela que apresenta um maior grau de lexicalização: trata-se da construção mais fixa, e, por isso mesmo, também daquela relativamente à qual as intuições dos falantes se mostram mais estáveis.

- No extremo oposto, temos a construção com o verbo *virar-se*, relativamente à qual os juízos dos falantes são muito pouco estáveis, uma vez que dificilmente a sua interpretação não se confunde com a de verbo de movimento.

- Numa posição intermédia, estão a construção com o verbo *ir* e sujeito pré-verbal e as construções com os verbos *pegar* e *agarrar*.

A análise sintáctica destas construções será o objectivo de futuros desenvolvimentos deste trabalho. Afastada a hipótese de corresponderem a construções com coordenação comum, de se considerar o primeiro verbo um verbo auxiliar ou de as associar a construções com verbos seriais, o nosso objectivo seguinte será o de responder fundamentalmente às seguintes questões:

(i) Dadas as diferenças que separam estas construções daquelas em que ocorrem estruturas de coordenação comum, a partícula que une os constituintes verbais é uma verdadeira conjunção coordenativa?

(ii) A que se devem as diferenças que se verificam entre estas construções?

A análise a propor deverá ainda, naturalmente, permitir dar conta dos diversos aspectos caracterizadores destas construções evidenciados pelos dados empíricos descritos neste trabalho.

## Referências

- Arnaiz, A. & J. Camacho (1999). A Topic Auxiliary in Spanish. In: Gutiérrez-Rexach, J. & Martínez-Gil, F. (eds.) *Advances in Hispanic Linguistics*. Boston, Cascadilla Press.
- Gonçalves, A. (1996). *Para uma Sintaxe dos Verbos Auxiliares em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. FLUL.
- Hagemeijer, T. (2000). *Serial Verb Constructions in São-Tomense*. Dissertação de Doutoramento. FLUL.
- Hopper, P. (2002). Hendiadys and Auxiliation in English. In: Bybee, J. & M. Noonan (eds.) *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson*. Philadelphia: John Benjamins.

- Lakoff (1986). Frame semantic control of the coordinate structure constraint. In A. Farley, P. Farley, & K.-E. McCullough (Eds.), *CLS 22, Part 2, Papers from the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory*, Chicago: Chicago Linguistic Society, pp. 152–167.
- De Vos, M. A. (2005). The syntax of verbal pseudo-coordination in English and Afrikaans. Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade de Leiden, Holanda. (<http://www.lotpublications.nl/%20publish/articles/001451/bookpart.pdf>)
- Pullum, G. K. (1990) Constraints on intransitive quasi-serial verb constructions in modern colloquial English. In: Joseph, B. D. & Zwicky, A. M. (eds) *When verbs collide: Papers from the 1990 Ohio State Mini-conference on Serial Verbs*. The Ohio State University, Department of Linguistics.
- Quirk, R., S. Greenbaum, L. Geoffrey & J. Svartvik (1985). *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman.
- Rodrigues, A. (2006). “*Eu fui e fiz esta tese*”: As construções do tipo *foi fez no Português do Brasil*. Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Brasil. (<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000382156>)
- Ross, J. R. (1967). *Constraints on variables in syntax*. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Massachusetts.
- Stefanowitsch, A. (1999). The Go-and-Verb Construction in a cross-linguistic perspective: Image-Schema Blending and the Construal of Events. In: Nordquist, D. & Berkenfield, C. *Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference*. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society.